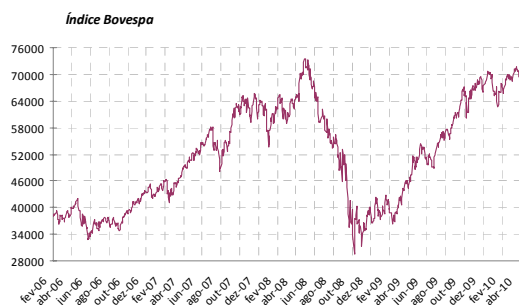
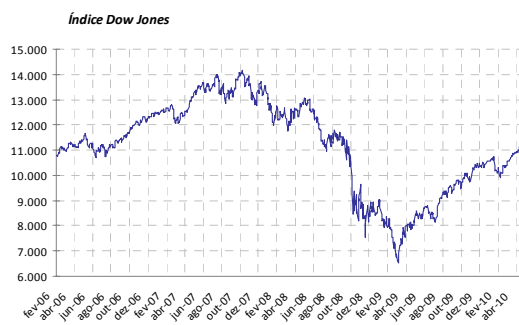


PANORAMA SEMANAL
26/ Abril / 2010

Indicadores de Mercado (atualizados até 26/04 10:10)	
R\$ x Dólar	1,7427
R\$ x Euro	2,3241
Dólar x Euro	1,3336
Ibovespa Futuro %	+ 0,24%
Dow Jones Futuro %	+ 0,34%
US Treasury 10	3,790
Petróleo Brent 1 mês	US\$ 87,41

Inflação e Taxa de Juros	
Taxa Selic	8,75%
IPC-S 3º semana abr	0,76%
IPC-Fipe 3º quadri abr	0,34%
IGP-M 2º prévia abr	0,50%
IGP-10 abril	0,63%
IPCA-15 abril	0,48%



Temas da Semana

Perspectivas da Semana 2
 Drivers da Semana 3
 Conta Corrente – déficit segue em forte elevação 4
 Índices de Inflação e Expectativas Futuras 6
 Economia Internacional 8
 Calendário Econômico 10
 Anexos..... 11
 Principais Variáveis Econômicas.. 12

Expectativas Schahin	
IGP-M abril	0,70%
Taxa de desemprego – mar	7,4%
Taxa de Câmbio abr10	R\$ 1,76
Taxa de Câmbio jun 10	R\$ 1,80
Taxa Selic abril 10	9,25%
Taxa Selic junho 10	9,75%

Mercado Financeiro: Perspectivas da Semana

A semana se inicia sob a expectativa de importantes eventos e definições ao longo dos próximos dias. A política monetária está em destaque no Brasil e nos EUA, com as respectivas reuniões do Copom e do FOMC, embora com perspectivas distintas – enquanto por aqui há indefinição quanto à magnitude do aumento dos juros (50 ou 75 pb), nos EUA a taxa será mantida, com o foco voltado para o statement. Além disso, na Europa as atenções seguem voltadas para a liberação efetiva do empréstimo oficialmente solicitado pela Grécia na sexta, o que deve ocorrer no mais tardar no início de maio.

Nos EUA, a reunião do Comitê de Mercado Aberto do Federal Reserve terá como ponto chave o conteúdo do statement, especialmente a citação de que “os juros permanecerão em níveis excepcionalmente baixos por um longo período”. Diante dos sinais mais claros de retomada da atividade interna, que na última semana atingiram inclusive o controverso setor imobiliário, crescem as chances de retirada de tal compromisso, o que teria impactos negativos (provavelmente pontuais) nos mercados.

Na Europa, a ainda indefinição sobre as condições finais de ajuda à Grécia fez com que os prêmios de risco do próprio país e também de Portugal – que também enfrenta dificuldades de financiamento – atingissem níveis recordes de 713 pb e 310 pb respectivamente, medidos pelo credit default swap (CDS) de 5 anos.

Mesmo em meio a tais incertezas, os mercados abrem a semana com tranqüilidade, provavelmente reflexo dos indicadores recentes que ampliaram a percepção de que a economia global está deixando gradativamente o pior momento.

No Brasil, o choque de preços de alimentos segue pressionando os índices correntes de inflação. De acordo com o IPCA-15, os núcleos já apontam um cenário mais ameno para os preços, embora ainda não totalmente livre de repasses preocupantes, diante de uma demanda muito aquecida. Neste contexto, o Copom irá voltar a elevar a Selic nesta semana, novamente com apostas divididas entre os analistas, com parte aguardando um ajuste de 50 pontos (onde nos incluímos) e outra parte defendendo um aumento inicial mais agressivo (75 pontos).

Além dos eventos citados acima, a agenda da semana traz outros aspectos relevantes para o comportamento dos mercados. Nos EUA, será conhecido o PIB do 1º trimestre, juntamente com outros dados de atividade e novos balanços corporativos de peso. No Brasil, destaque para dados de crédito, contas públicas, taxa de desemprego e IGP-M.

Nos mercados, diante de uma agenda carregada de situações de grande importância, não há tendência clara neste momento. As palavras do FOMC devem direcionar os investidores a partir da quarta-feira, enquanto o resultado do PIB do 1º trimestre determinará o humor no fechamento da semana. Por aqui, bolsa e câmbio tendem a acompanhar o ambiente externo, embora o sinal aparente seja de relativa calma, ou seja, ações e moeda em valorização moderada.

Para Ficar Atento – Drivers da Semana

- **Reunião do Copom – BRA:** Nesta quarta-feira o BC voltará a subir a taxa de juros no país, após alguns meses de estabilidade na Selic. O mercado novamente está dividido quanto ao resultado da reunião, com parte dos analistas apostando numa elevação de 50 pontos (onde nos incluímos) e outra parte defendendo um ajuste inicial mais agressivo (75 pontos). Além da decisão em si, como de costume será importante verificar o placar da votação e o conteúdo do comunicado, que normalmente trazem sinais relevantes sobre possíveis decisões futuras do Comitê.
- **Mercado de trabalho – BRA:** O IBGE anuncia na quinta-feira a taxa de desemprego referente a março, que deve ter mantido a trajetória de queda (com ajuste sazonal), ratificando o cenário de aquecimento do mercado de trabalho no país.
- **Crédito – BRA:** O volume de empréstimos concedidos em março deve ter voltado a crescer substancialmente, com a forte demanda pelos recursos e o retorno mais firme dos bancos privados ao mercado de crédito.
- **Contas Públicas – BRA:** Os dados fiscais referentes a março saem ao longo da semana e, apesar da melhora da arrecadação, o ritmo de expansão dos gastos segue como ponto de preocupação. Não será do lado fiscal que virá contribuição para aliviar a política monetária.
- **Reunião do FOMC – EUA:** Nos EUA ainda não há perspectiva de elevação dos juros por enquanto, o que deve continuar indicado no statement que sai ao término da reunião desta quarta. De todo modo, os analistas estarão atentos à manutenção ou não da frase que cita “juros excepcionalmente baixos por um longo período”.
- **PIB – EUA:** Na sexta será conhecida a primeira prévia do resultado do PIB do 1º trimestre, cujo ritmo de crescimento anualizado deve ter desacelerado ante o trimestre anterior. O fim do ciclo de recomposição dos estoques explica o resultado mais baixo neste início de ano, que ainda assim deverá superar 3%.
- **Balancos – EUA:** Prossegue nesta semana a temporada de balanços corporativos do 1º trimestre nos EUA, que até aqui tem trazido informações predominantemente positivas.
- **Atividade – Zona do Euro:** Destaque para os dados de confiança econômica e dos consumidores (quinta) e taxa de desemprego (sexta).

Conta Corrente – déficit segue em forte elevação

Permanece a trajetória de deterioração das contas externas do país, diante do cenário de aquecimento da economia interna. O déficit em transações correntes foi recorde histórico no 1º trimestre, embora tenha sido financiado com sobras pelas entradas da conta financeira. De todo modo, é preciso cuidado com a excessiva dependência destes recursos.

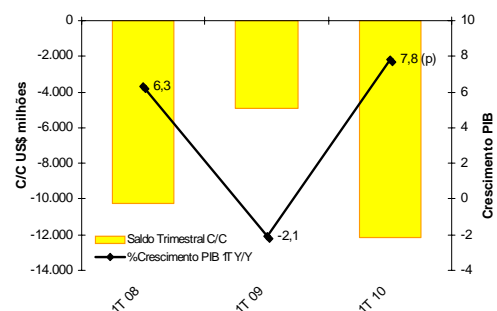
O aquecimento da demanda interna continua gerando reflexos nas contas externas do país, como a ampliação consistente do déficit em transações correntes. Segundo dados do BC, o saldo negativo somou US\$ 5,06 bilhões em março, levando o total do déficit do 1º trimestre para US\$ 12,1 bilhões – o mais elevado de toda a série histórica iniciada em 1947.

No mesmo período de 2009 o déficit foi de apenas US\$ 4,9 bilhões, em meio a um cenário de contração econômica por conta dos impactos da crise internacional. O ambiente atual de forte crescimento é semelhante ao observado no primeiro trimestre de 2008, quando o saldo negativo atingiu US\$ 10,2 bilhões.

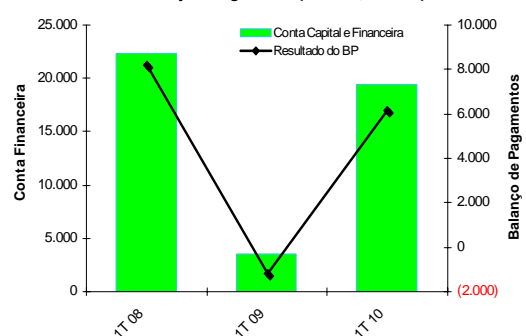
Os efeitos da economia interna mais vigorosa se manifestam na conta corrente através de diversas maneiras, como redução do superávit comercial (aumento das importações), maiores gastos com viagens internacionais e aumento das remessas de lucros e dividendos. Por outro lado, a conta financeira apresentou comportamento inverso nos anos recentes, com piora em 2009 com a aversão a risco trazida pela crise, e recuperação em 2010 diante da melhora do ambiente e das perspectivas otimistas para a economia brasileira. A evolução dos últimos 3 anos do Balanço de Pagamentos é evidenciado no quadro a seguir:

Resumo - Balanço de Pagamentos (US\$ milhões)			
	1T 08	1T 09	1T 10
Conta Corrente	(10.260,30)	(4.937,62)	(12.144,73)
-Bal. Comercial	2.760,80	2.988,17	892,35
-Bal. Serviços e Rendas	(14.007,96)	(8.787,84)	(13.823,04)
Juros	(2.141,02)	(2.570,25)	(3.053,29)
Lucros e Dividendos	(8.662,06)	(3.556,41)	(4.585,51)
Viagens Internacionais	(929,74)	(494,76)	(1.684,74)
- Transf. Unilaterais	986,86	862,05	785,96
Conta Capital e Financeira	22.356,40	3.557,07	19.370,87
Conta Capital	170,48	338,33	239,18
Conta Financeira	22.185,92	3.218,74	19.131,69
- Investimento Direto Líq.	4.346,08	5.734,82	(271,43)
- Investimento em Carteira	5.651,85	(2.919,34)	8.774,14
- Derivativos	(195,09)	203,88	(25,54)
- Outros Investimentos	12.383,09	199,38	10.654,52
Resultado do BP	8.216,86	(1.181,81)	6.160,02

Saldo em Conta Corrente e Crescimento do PIB (1º trimestre)

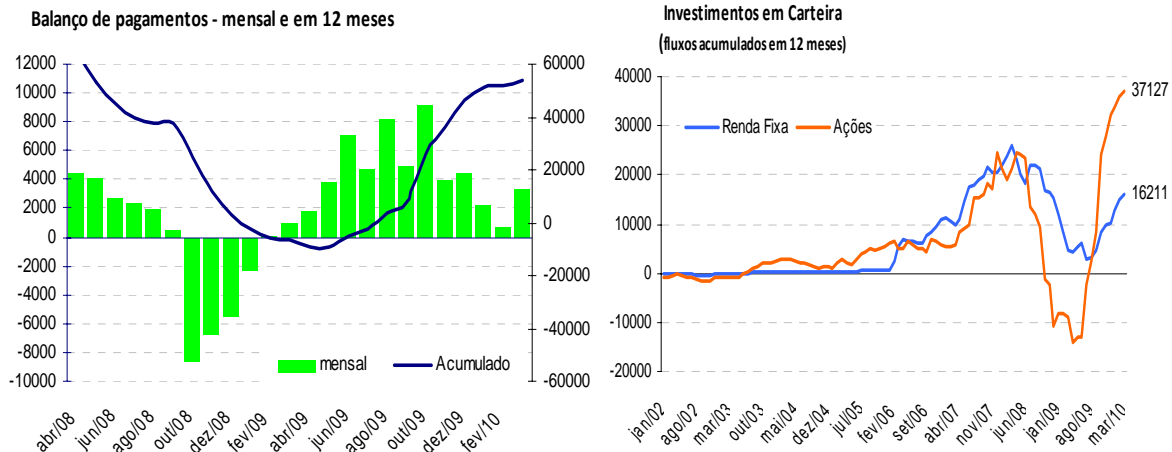


Conta Financeira e Balanço de Pagamentos (1º T - US\$ milhões)



Conforme a tabela acima indica, o financiamento do déficit em conta corrente está ocorrendo com sobras pelas entradas através da conta financeira. Embora o líquido dos

investimentos diretos esteja ligeiramente negativo neste ano, por conta de saídas pontuais de investimentos brasileiros no exterior, o IED já acumula mais de US\$ 5,5 bilhões até março e deve seguir em alta nos próximos meses. Os investimentos em carteira estão amplamente positivos (quase US\$ 9 bilhões), com divisão de recursos entre renda fixa e ações – embora nos últimos 12 meses predominem as entradas na renda variável (o que é positivo).



Apesar desta abundância de recursos externos, incluindo o volume expressivo de reservas internacionais, que limitam os potenciais efeitos negativos da deterioração da conta corrente sobre os prêmios de risco e taxa de câmbio, a continuidade desta trajetória pode resultar em maiores preocupações no futuro próximo. A dependência de capitais instáveis para zeragem do balanço de pagamentos pode trazer maior volatilidade cambial em períodos de elevação da aversão a risco no exterior, o que não é interessante.

Embora não haja consenso a respeito, alguns estudos apontam o limite confortável de 2% do PIB para o déficit anual da conta corrente, sendo que acima deste valor o país passaria a ser visto sob maior desconfiança. O déficit acumulado em 12 meses já atingiu 1,8% do PIB, devendo fechar o ano por volta de 2,5%. Países como a Austrália tem conseguido manter um déficit externo elevado (mais de 4% do PIB) por muitos anos, mas não necessariamente a mesma receita seria viável para o Brasil.

Analisando de outra ótica, o aumento do déficit da conta corrente (que representa a absorção de poupança externa), é reflexo da insuficiência de poupança doméstica (pública + privada), cuja reversão dependeria não apenas de uma desaceleração do crescimento da demanda interna, mas também do aumento da poupança – especialmente do setor público.

Em suma, a fim de evitar uma piora excessiva das contas externas, a receita recai sobre 3 situações: aumento dos juros domésticos para segurar o consumo, melhora dos resultados fiscais e algum ajuste da taxa de câmbio.

Índices de Inflação e Expectativas Futuras

No geral, os preços dos alimentos estão subindo menos, embora ainda existam produtos em aceleração, como feijão e leite. De todo modo, os IPCs devem seguir uma trajetória de desaceleração moderada neste 2º trimestre. No atacado, os IGPs serão novamente pressionados no curto prazo, agora pelos reajustes do aço e do minério de ferro.

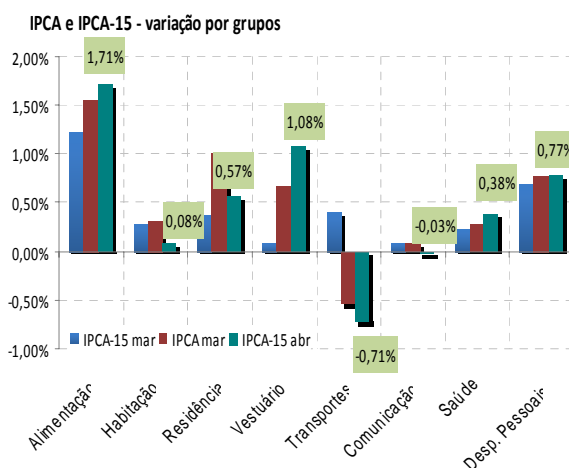
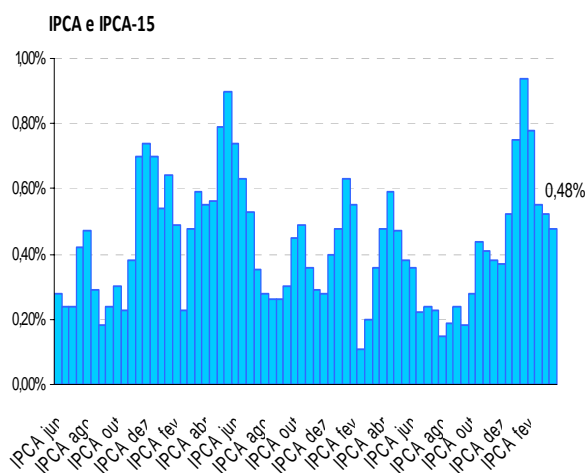
Embora com tendência declinante no varejo, a inflação ainda mostra certa rigidez neste momento, diante de pressões controversas em determinados segmentos. No atacado, após um breve alívio, novo período de aceleração está por vir, conforme os reajustes do minério de ferro e aço forem captados pelos índices.

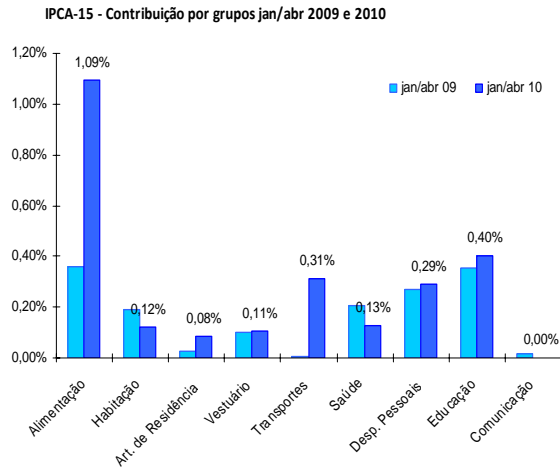
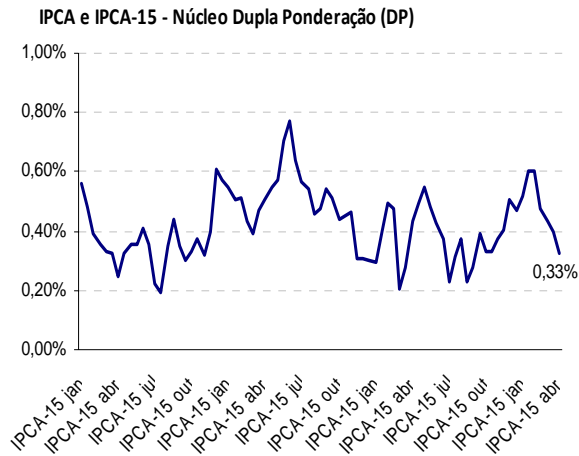
Data	Índice	Efetivo	Esperado		Anterior	
20/abr	IGP-M 2º prévia-abril	0,50%	0,50%	=	0,27%	▲
20/abr	IPCA-15 Abril	0,48%	0,47%	▲	0,55%	▼
23/abr	IPC-S 3ª semana - abril	0,76%			0,80%	▼
26/abr	IPC-Fipe 3º quadri - abril	0,34%	0,27%	▲	0,23%	▲

O IPCA-15 variou 0,48% em abril, em linha com as expectativas e pouco abaixo do fechamento do IPCA de março (0,52%). Dentre os grupos pesquisados, houve desaceleração em habitação, educação, comunicação e artigos de residência, além da maior deflação em transportes. O grupo despesas pessoais mostrou a mesma variação do final do mês anterior.

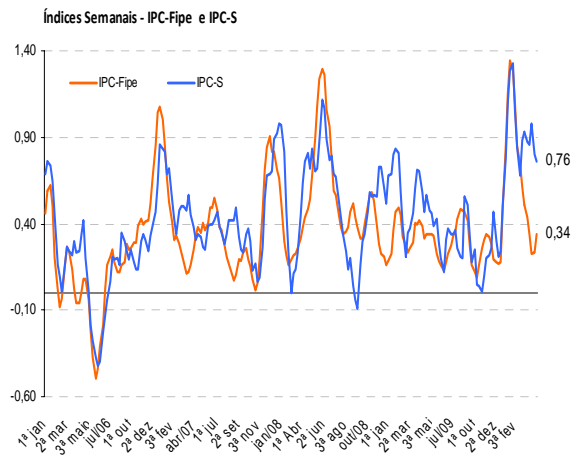
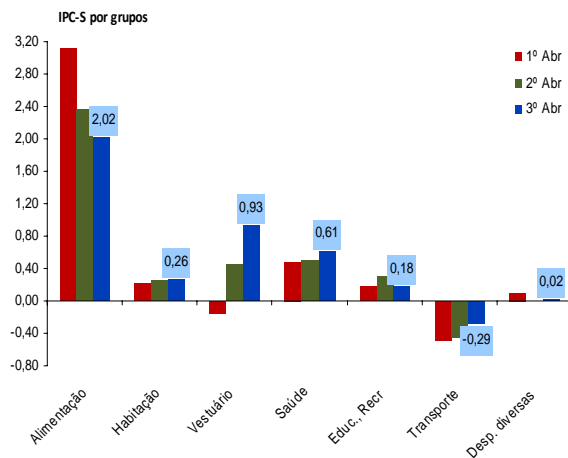
Por outro lado, vestuário (por aspectos sazonais), saúde (reajuste de medicamentos) e alimentação aceleraram a alta, o que impediu um recuo mais intenso da inflação. Como tem sido observado recentemente, os alimentos seguiram como principal fator de pressão, com aumentos expressivos do tomate (36,8%), feijão (30%), batata (12%) e leite pasteurizado (9,6%). Com a variação de 1,71%, este grupo já acumula elevação de 4,79% nos primeiros 4 meses do ano, contribuindo com 1,09 pp. do total da inflação de 2,5% no período.

Confirmando a predominância dos alimentos na inflação atual, o IPCA-15 ex-alimentos ficou em apenas 0,12%, enquanto os núcleos por exclusão e dupla ponderação desaceleraram para 0,36% e 0,33% respectivamente. Ou seja, embora exista preocupação com a trajetória ascendente da inflação, é preciso levar em conta os choques de preços de alimentos que tem amplificado o efeito da demanda aquecida sobre os índices.





Entre os semanais, o IPC-Fipe e IPC-S seguem em patamares e trajetórias distintas. O IPC-S da 3ª semana do mês variou 0,76%, abaixo do observado no levantamento anterior (0,80%), diante da desaceleração (ainda lenta) do grupo alimentação (2,02%, de 2,36%). Já o IPC-Fipe da 3ª quadri, divulgado nesta manhã, teve alta de 0,34%, de 0,23% da 2ª quadri. Neste caso, os alimentos ainda mostraram pequena aceleração (1,46%, de 1,27%), enquanto a maior variação do grupo saúde e menor deflação em transportes, também ajudaram a pressionar o índice.



Nesta semana será conhecido apenas o IGP-M de abril, onde projetamos alta de 0,70%.

Expectativas Futuras: De acordo com o Boletim Focus divulgado pelo BC na manhã desta segunda, a mediana das projeções para o IPCA de 2010 subiu pela 14ª semana consecutiva, para 5,41%. Por outro lado, para 2011 novamente houve manutenção em 4,80%.

Mediana - agregado	Expectativas de Mercado							
	2010				2011			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento semanal*	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento semanal*
IPCA (%)	5,16	5,32	5,41	▲ (14)	4,70	4,80	4,80	▬ (2)
IGP-DI (%)	6,82	7,33	8,01	▲ (2)	4,55	4,81	4,96	▲ (2)
IGP-M (%)	6,54	7,99	8,03	▲ (15)	4,52	4,80	4,80	▬ (2)
IPC-Fipe (%)	5,41	5,45	5,50	▲ (2)	4,50	4,50	4,50	▬ (14)

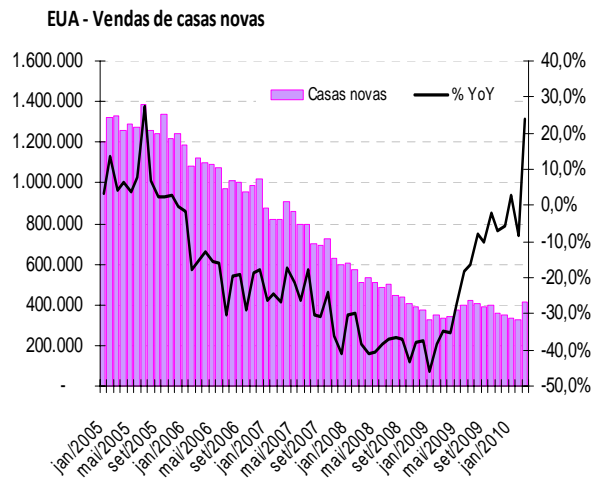
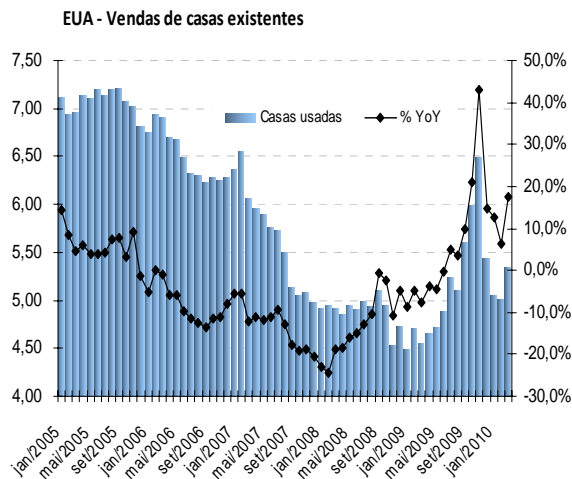
Economia Internacional

O problemático setor imobiliário trouxe sinais mais favoráveis em março, com bom desempenho das vendas de casas novas e usadas. Entre os bens duráveis, apesar da queda do índice total, a expansão dos pedidos ex-transportes mostrou que, no geral, a demanda do país se recupera. Na Europa, a mesma impressão foi deixada pelos índices PMI de abril.

Estados Unidos: Dentre os indicadores de atividade divulgados, predominaram bons sinais do mercado de imóveis e de bens duráveis. O setor imobiliário tem sido ainda um dos principais focos de fragilidade em meio à recuperação da atividade do país, sendo que a melhora neste segmento é crucial para dar consistência ao retorno da confiança das famílias.

As vendas de casas existentes cresceram 6,8% em março na margem, acima do esperado. Na comparação com março de 2009, houve expansão mais significativa de 16,1%, considerando a base fraca do início do ano passado. Os preços também deram sinais mais benignos, com ligeira alta na margem e ante 2009, sugerindo uma incipiente tendência de melhora do mercado de imóveis.

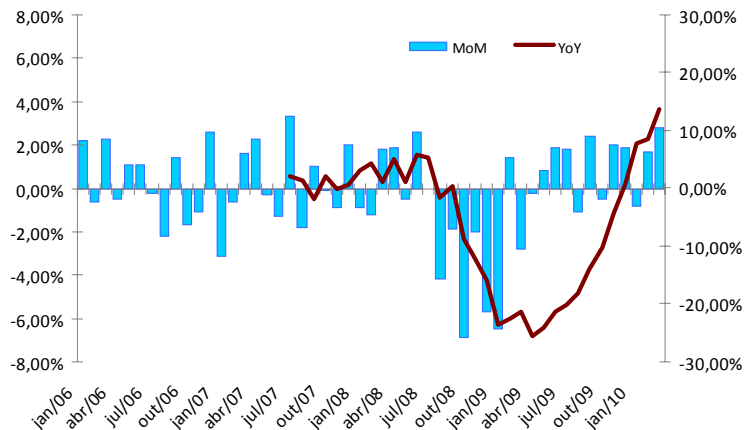
Entre as casas novas, houve surpreendente alta de 26,9% em março, ante fevereiro, após quedas na margem por 4 meses consecutivos. Em relação a março de 2009 a melhora também foi bem evidente, com expansão de 23,8% nas vendas. Neste caso, os preços apontaram sinais distintos, com queda na margem (mediana -3,4%), mas alta em termos anuais (+ 4,3%). Em suma, os números de março trouxeram sinais mais importantes de estabilização no setor imobiliário, embora isto tenha que ser reiterado nos próximos meses.



Os pedidos de bens duráveis, por sua vez, caíram 1,3% na margem em março, dado pior que o esperado pelos analistas (+0,2%). Porém, duas informações adicionais atenuaram o resultado aparentemente negativo. Por um lado, houve revisão para cima do crescimento observado em fevereiro, de 0,5% para 1,1%. Além disso, quando se exclui os bens relacionados a transportes, os pedidos tiveram forte expansão de 2,8% em março, dado que ocorreu um expressivo recuo nos pedidos de aeronaves.

Ou seja, diferentemente da impressão inicial, o indicador trouxe mais uma sinalização positiva da retomada da demanda interna do país.

EUA - Pedidos de Bens Duráveis ex-transportes



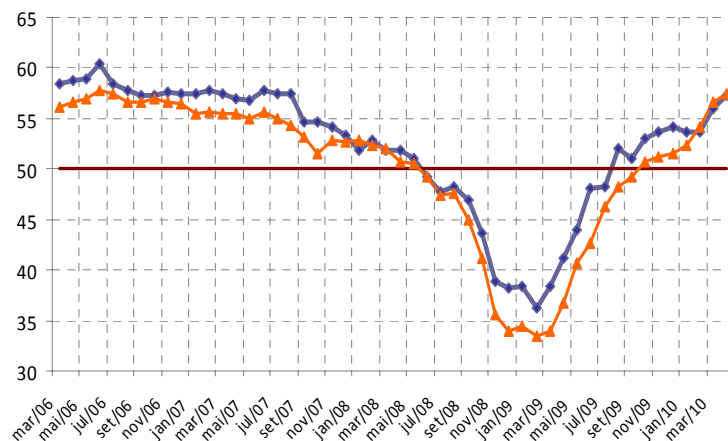
Esta semana será bem movimentada em termos de indicadores econômicos nos EUA, com destaque para a divulgação do PIB do 1º trimestre do ano, que deve ter desacelerado na margem ante o forte crescimento obtido no 4T09. Além disso, o FOMC se reúne, com a expectativa de manter a citação de que os juros permanecerão baixos por um longo período. Outros dados relevantes serão os índices de confiança do consumidor, consumo pessoal, Fed Richmond e Gerentes de Chicago.

Zona do Euro: Apesar das dificuldades fiscais e da previsão de crescimento modesto para o ano (segundo projeção do FMI, a economia da região irá se expandir em apenas 1% em 2010), os índices de atividade PMI voltaram a crescer na prévia de abril. No setor manufatureiro, o índice atingiu 57,5 pontos, o mais elevado desde junho/06.















A retomada das exportações da Alemanha e a melhora do setor automotivo (especialmente na França e também na Alemanha) estão puxando o aumento da confiança do setor produtivo da região.

O índice composto, que inclui o segmento de serviços, seguiu a mesma trajetória, subindo para 57,3 pontos.

PMI Composite e Manufatura - Zona do Euro



Calendário Econômico: Semana de 26 a 30 de Abril 2010

			Expectativa	Anterior	Atual
Segunda Feira (26 de Abril)		BRA: Boletim Focus (8:30) BRA: Balança Comercial Semanal (11:00) BRA: IPC-Fipe - 3º quadri Abril (7:00)	0,27%	-\$ 108 M 0,23%	0,34%
<i>Balanços EUA: Caterpillar, Texas Instruments</i>					
Terça Feira (27 de Abril)		BRA: Confiança do Consumidor FGV - Abril (8:00) BRA: Indicadores da Indústria Fiesp - Março (14:30)		112,3 78,45	
<i>Balanços EUA: 3M, UPS, Dupont, Ford, Lexmark, US Steel</i>		EUA: Preços de Casas S&P Case Shiller Y/Y - Fevereiro (10:00) EUA: Índice de Manufatura Fed Richmond - Abril (11:00) EUA: Confiança do Consumidor - Abril (11:00)	1,3% 9 53,5	-0,7% 6 52,5	
Quarta Feira (28 de Abril)		BRA: Fluxo Cambial BC (12:30) BRA: Reunião do Copom - Taxa de Juros (18:00)	9,25%	8,75%	
<i>Balanços EUA: Goodyear, Dow Chemical, Visa</i>		EUA: MBA-Solicitações de Empréstimo Hipotecários (8:00) EUA: Reunião do Fomc - Taxa de Juros (15:15)	0,25%	13,6% 0,25%	
		EUA: Estoque de Petróleo DOE (11:30) EUA: Estoque de Gasolina DOE (11:30)		1894 K 3587 K	
Quinta Feira (29 de Abril)		BRA: IGP-M M/M - Abril (8:00) BRA: IGP-M Y/Y - Abril (8:00) BRA: Taxa de Desemprego - Março (9:00) BRA: Estoque de Crédito BC - Março (10:30)	0,70% 2,82% 7,4% 0,25%	0,94% 1,94% 7,4% \$ 1435 M	
<i>Balanços EUA: Time Warner, Motorola, Kellogg, MetLife, Colgate-Palmolive, Exxon Mobil, P&G</i>		EUA: Novos pedidos seguro-desemprego (9:30)	445 K	456 K	
		UE: Confiança do Consumidor - Abril F (6:00) UE: Confiança Econômica - Abril (6:00)	-15 99,4	-15 97,7	
		JPN: Produção Industrial M/M - Março P	0,8%	-0,7%	
Sexta Feira (30 de Abril)		BRA: Superávit Primário Consolidado - Fevereiro (10:30) BRA: Relação Dívida/PIB - Fevereiro (10:30)		\$ 0,9 B 42,1%	
<i>Balanços EUA: NASDAQ, Chevron</i>		EUA: PIB anualizado QoQ - 1T P (9:30) EUA: Consumo Pessoal - 1T P (9:30) EUA: Índice de Gerentes de Chicago - Abril (10:45) EUA: Confiança do Consumidor Un. Michigan - Abril F (10:55)	3,4% 3,1% 60,0 71,0	5,6% 1,6% 58,8 69,5	
		UE: Taxa de Desemprego - Março (6:00)	10,0%	10,0%	
		JPN: Reunião do Banco do Japão - Taxa de Juros	0,1%	0,1%	
		CHN: PMI Manufatura - Abril (22:00)	55,6	55,1	

Índices de inflação (%)

	Março			Abril	
	1p	2p	Fech	1p	2p
IGP-M	0,95	0,91	0,94	0,27	0,50
IPC-M	0,43	0,64	0,83	0,28	0,50
IPA-M	1,22	1,10	1,07	0,13	0,38

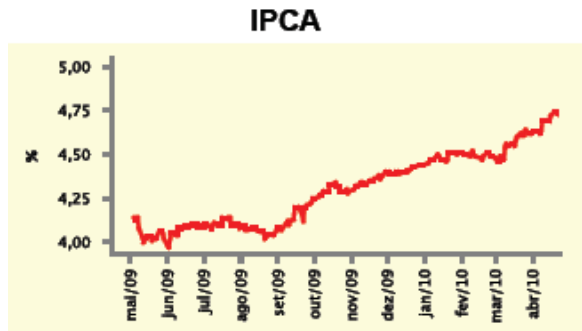
Mensais	Fevereiro	Março	Abril
IPCA-15	0,94	0,55	0,48
IPCA	0,78	0,52	

Semanais	Abr 1	Abr 2	Abr 3
IPC-S	0,98	0,80	0,76
Fipe	0,23	0,23	0,34

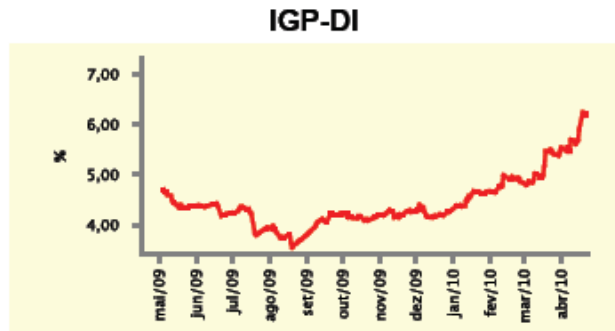
Anexos

Boletim Focus – Expectativas do Mercado em 23/abril

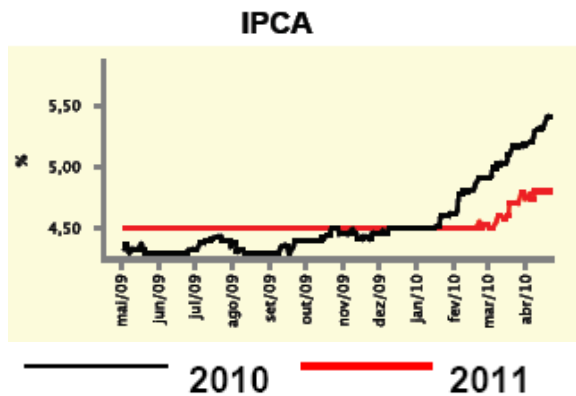
IPCA – próximos 12 meses



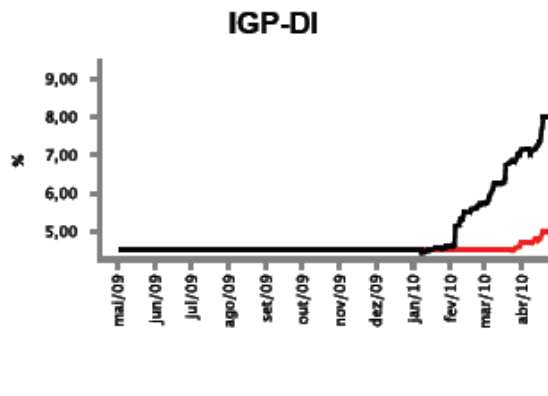
IGP-DI – próximos 12 meses



IPCA – acumulado 2010 e 2011

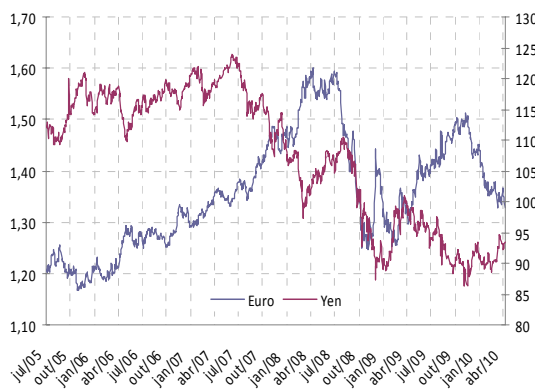


IGP-DI – acumulado 2010 e 2011



Taxas de Câmbio

Taxas de Câmbio - Dólar, Euro e Yen



Taxa de Câmbio - R\$ x US\$



Este é um boletim de elaboração do Departamento Econômico do Banco Schahin, cujo objetivo é apenas informativo. O Banco Schahin não assume qualquer responsabilidade por decisões de investimento tomadas com base neste relatório.

Principais Variáveis Econômicas

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Atividade Econômica								(P)
PIB (US\$ Bilhões)	553,7	664,9	882,4	1088,9	1333,8	1573,3	1579,4	1928,5
PIB (R\$ Bilhões)	1699,9	1941,4	2147,3	2369,8	2661,3	3004,8	3143,0	3432,7
Crescimento Anual do PIB (Real)								
Total	1,10%	5,70%	2,90%	3,80%	5,40%	5,10%	-0,20%	5,20%
Agropecuária	5,80%	2,30%	1,00%	4,20%	5,30%	5,80%	-5,20%	4,30%
Indústria	1,30%	7,90%	2,10%	2,90%	4,90%	4,30%	-5,50%	6,40%
Serviços	0,80%	5,00%	3,40%	3,80%	4,70%	4,80%	2,60%	4,60%
Inflação								
IPCA (IBGE)	9,30%	7,60%	5,65%	3,14%	4,46%	5,90%	4,31%	5,10%
IGP-M (FGV)	8,70%	12,42%	1,21%	3,83%	7,75%	9,81%	-1,72%	8,50%
IPC-Fipe	8,17%	6,56%	4,53%	2,40%	4,38%	6,24%	3,65%	5,30%
Setor Externo								
Exportações (US\$ Bilhões)	73,1	96,47	118,3	137,4	160,6	197,9	152,9	185,0
Importações (US\$ Bilhões)	48,3	62,78	73,5	91,4	120,6	173,2	127,6	171,0
Saldo Comercial (US\$ Bilhões)	24,8	33,7	44,8	46,07	40,04	24,7	25,3	14,0
Transações Correntes (US\$ Bilhões)	4,11	11,64	14,2	13,5	3,5	-28,3	-24,1	-48,1
Transações Correntes (% do PIB)	0,74	1,75	1,58	1,26	0,26	-1,78	-1,6	-2,5
Inv. Direto Estrangeiro (US\$ Bi)	10,1	18,16	15,2	18,7	34,6	45	25,9	37
Res. Internacionais Liq. (US\$ Bi)	20,52	27,54	53,8	85,6	180,3	207	239	250
Cotação Dólar Comercial (final per.)	2,88	2,65	2,33	2,13	1,78	2,31	1,75	1,80
Dólar Comercial Médio	3,07	2,92	2,4	2,18	1,95	1,83	1,99	1,78
Desvalorização Nominal	-18,20%	-7,98%	-12,07%	-8,59%	-16,43%	29,80%	-24,2%	2,9%
Setor Público								
Déficit nominal (% do PIB)	4,60%	2,40%	3,00%	3,00%	2,27%	1,50%	3,34%	2,2%
Resultado Primário (% do PIB)	3,89%	4,18%	4,35%	3,88%	3,98%	4,10%	2,06%	3,00%
DLSP (% do PIB)	52,4	47,0	46,4	44,9	42,8	36,0	42,9	41,7

(P) = Projeção Banco Schahin

Departamento Econômico – Banco Schahin S.A. 11- 5576-8505

Silvio Campos Neto

Economista-chefe

sneto@bancoschahin.com.br

Washington Amaral e Silva

Banco de Dados Econômicos

wasilva@bancoschahin.com.br